

INTRODUÇÃO

Adolf Hitler foi o líder alemão nazi que precipitou a Segunda Guerra Mundial e que impulsionou o Holocausto. Ao longo de gerações, vários autores dedicaram-se ao estudo da mente do ditador, questionando se Hitler seria louco. Foram construídas várias opiniões clínicas distintas, sendo que alguns autores defendiam que Hitler não padecia de doença mental enquanto que outros defendiam várias hipóteses de diagnóstico, desde a Esquizofrenia a uma Perturbação da Personalidade Antissocial.

RESULTADOS

Após analisar a literatura acerca do ditador, é notório que este padecia de uma doença mental, muito provavelmente de doença bipolar. August Kubizek, o seu melhor amigo no início da idade adulta, descreve diversos episódios que correspondem a fases depressivas, que duravam vários meses, intercaladas com episódios maníacos francos. Relativamente à história familiar, os pais de Hitler eram primos, o que aumenta o risco de doença mental.

Figura 1: Adolf Hitler.



Fonte: Bundesarchiv.

Em 1937, Hitler inicia tratamento com Theodor Morell, que passou a ser o seu médico pessoal. Depois de ser capturado pelas forças americanas, Morell admitiu administrar mais de 28 tratamentos diferentes (*Orchikrin* – “combinação de hormonas masculinas”, *Prostakrinum* – “extrato de vesículas seminais e próstata”, *Cortrion* – “esteróide derivado das glândulas adrenais”), acabando por ser intitulado como “O Ministro das Injeções do Reich”. Foram inúmeros os tipos de tratamentos prescritos, desde opiáceos para as dores de estômago, a barbitúricos para a insónia crónica e a metanfetaminas para a “depressão”. Em 1941, após a derrota dos alemães, Hitler fica francamente deprimido e começa a fazer anfetaminas endovenosas diariamente. Em 1943, começou a receber múltiplas injeções diárias suplementadas com cerca de 5 tabletes de metanfetaminas. Nesta altura começaram a ser evidentes as alterações no comportamento de Hitler e no seu poder de decisão. Houve um movimento por parte dos médicos para restringir a administração de psicotrópicos e afastar Morell, mas sem sucesso.

Figura 2: Theodor Morell.



Fonte: Ullstein bild.

CONCLUSÃO

Parece haver evidência que suporte o diagnóstico de Doença Bipolar no ditador. A combinação com o consumo de múltiplas substâncias psicoativas, especialmente as anfetaminas endovenosas, parece ter tido um grande impacto no curso da doença de Hitler, possivelmente com prejuízo das suas capacidades de liderança.